



Heitor Hui/AE

No industrializado ABC, as crianças nas escolas de empresas tomam contato com a natureza

Crianças de favelas começam a comer carnes e legumes além do feijão

O sistema da Comunidade Inamar é totalmente diferente das outras escolas de empresa. Fundada por Franco Rigolli há 20 anos — ele ainda a preside —, a instituição visa essencialmente ao menor carente. Além de montar sua própria pré-escola, para 200 crianças, Rigolli levou sua estrutura a seis empresas, que atendem outros 500 menores. Cada indústria fornece as instalações para uma escolinha, paga os salários dos respectivos monitores e parte da remuneração das coordenadoras ou assistentes sociais da Inamar, que atendem todo o grupo, dão ajuda de custo para o transporte e fornecem a alimentação de seus núcleos.

Para a Kentinha, esses gastos representam Cr\$ 35 mil por mês contra Cr\$ 120 mil da Prestécnica. Para manter seus 200 alunos diretos, a Inamar montou uma pequena fábrica, que produz bolinhas de latão para fazer bijuterias. A instituição tem 33

monitoras — estudantes de Magistério ou professoras —, três coordenadoras — pedagogas/psicólogas —, uma recreadora e duas assistentes sociais para todo o grupo. E o que é muito importante: "As despesas de todas as indústrias são feitas em nome da Inamar e mensalmente lhes enviamos faturas, para abatimento de imposto", contou Marinisa Curminette Baptista, coordenadora geral desta entidade.

A população dessas escolinhas geralmente reside em favelas ou cortiços, em famílias com mulheres abandonadas pelos companheiros e que geralmente trabalham como faxineiras diáritas. A pobreza está refletida nas roupas e nos cabelinhos sem brilho. A maioria, quando começa a freqüentar as escolinhas, tem problemas de vômitos e diarréia, porque o organismo não está acostumado com carnes, legumes e sobremesas, só conhecem o feijão com arroz.